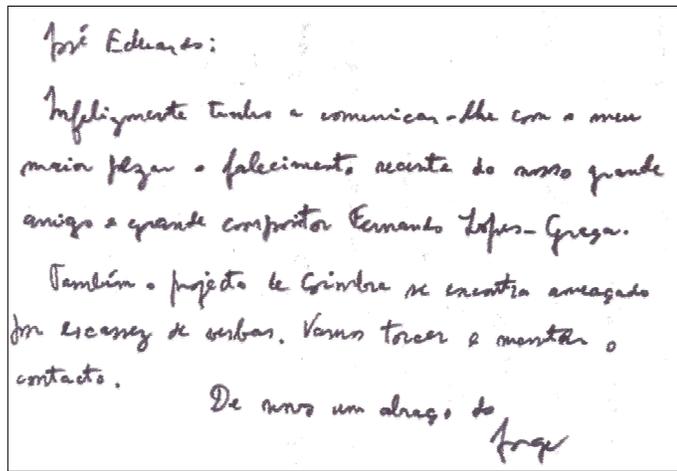


Relembrando Jorge Peixinho

José Eduardo Martins

Em Janeiro de 1995, recebia de Jorge Peixinho carta com frase infaustamente prenunciadora do seu próprio fim: “Infelizmente tenho a comunicar-lhe, com o meu maior pesar, o falecimento recente do nosso grande amigo e compositor Fernando Lopes-Graça”. Alguns meses depois, ele, dileto amigo e grande compositor, sucumbia em plena batalha criativa.

Ao telefonar a outro amigo especial e grande compositor, Gilberto Mendes, dias após o recebimento da missiva – Mendes regressara de viagem ao exterior –, o ilustre músico brasileiro inteirava-se naquele instante da morte que se abateu sobre Peixinho. Os prantos que impossibilitaram Gilberto de continuar o diálogo são o testemunho vivo do significado de Jorge Peixinho para todos aqueles brasileiros que o conheceram e admiram o imenso compositor que permanece.



Pró Eduardo:
Infelizmente tenho a comunicar-lhe com o meu maior pesar o falecimento recente do nosso grande amigo e grande compositor Fernando Lopes-Graça.
Também o projecto de Coimbra se encontra ameaçado por escassez de verbas. Vamos tentar e manter o contacto.
De novo um abraço de Jorge

Evocar reminiscências recentes, recuperadas após o desaparecer de um amigo, traz profundo sentimento nostálgico.

Conhecemo-nos em princípios de 1992, em Lisboa. A obra de Jorge Peixinho, apreciava-a desde há muitos anos através de Gilberto Mendes, o sempre eterno amigo do mestre português. Já em 1987, por ocasião do centenário de nascimento de Villa-Lobos, pedira a Gilberto convidar Peixinho a participar de um caderno em que dez compositores homenageavam o autor das Bachianas Brasileiras. Surgiria a magnífica *Villalbarosa*, contribuição valiosíssima apresentada em primeira audição absoluta durante o XXIII Festival de Música Nova de Santos, aos 23 de Agosto de 1987, em São Paulo, e em primeira europeia em recital na Academia de Amadores de Música, em Lisboa, em 19 de Janeiro de 1988, executada por este pianista. Em Agosto de 1996, em Sófia, Bulgária, deverei gravar um CD no qual constarão obras de Villa-Lobos e homenagens a ele prestadas, entre as quais *Villalbarosa*.

Encomendei a Peixinho, em 1992, um estudo para piano, que viria enriquecer o projecto de estudos – por nós há muito tempo acalentado, visando dar uma panorâmica da técnica pianística nos estertores do século das grandes transformações tecladísticas. Peixinho, que já compusera outros, dedicou-me o *Estudo V-Die Reihe-Courante*, cuja estreia absoluta deu-se em Salvador, Bahia, aos 20 de Setembro de 1993, sendo que a

première europeia aconteceu no dia 11 de Outubro do mesmo ano, no Instituto Franco-Português de Lisboa.

Durante essa estadia em Lisboa completei, no Instituto Franco-Português, a integral para piano de Francisco de Lacerda, pois as *Trente Six Histoires...* já houvera apresentado na capital portuguesa e nos Açores em 1992. Nessa e em duas outras apresentações, Peixinho se fez presente. Estudava eu no apartamento do compositor, à Rua de São Bento, e participávamos de vários momentos, já àquela época inesquecíveis: as refeições nos pequenos restaurantes perto do Conservatório Nacional, no Toni dos Bifes, ao pé do Saldanha, e outros...

Quando da visita de Jorge Peixinho ao Brasil, em 1994, realizamos cinco apresentações, a cada um sendo reservada uma das duas partes do programa. Ele executando Filipe Pires, Clotilde Rosa e, sobretudo na excelência, Jorge Peixinho; eu, Fernando Lopes-Graça (*5ª Sonata* e algumas das *Viagens na Minha Terra*) e obras de Peixinho. Foram as apresentações: XXX Festival Música Nova: Santos (24/08), São Paulo (25/08), Ribeirão Preto (04/09); II Ciclo de Música Contemporânea: Belo Horizonte (20/08); Anppom (Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Música): São Paulo (29/08); Casa de Portugal: São Paulo (08/09).

Lembraria da maneira viril com que Jorge Peixinho executava todo um repertório específico. Prendia a atenção do público através de contrastes seguros e intencionais, de pedalização singular, de um sentido dinâmico que o levava às altas intensidades permitidas pelo piano e à de-dinamização, fronteira do quase inaudível. O pianista transpirava – e muito – mercê, talvez, da concentração absoluta. Ficou-me a forte impressão de sua participação totalizante.

Lembro-me que, em Belo Horizonte, retornando ao Hotel Évora após ensaio no Palácio das Artes, ao subirmos a pé o longo aclive da Rua Sergipe, Peixinho necessitava parar a cada quadra percorrida, arfando com dificuldade, como que a buscar oxigênio precioso. Sem saber de seus males anteriores, brincava eu com o querido amigo, mais jovem dois anos, incentivando-o a andar mais rápido e cadenciado. Lamentável desafio!

Em São Paulo gravamos para “Tempo de Concerto” que produzo e apresento às terças-feiras na Rádio Universidade, Rádio USP-FM (93.7), quatro programas, *hélas* não conservados, nos quais comentamos obras de Lopes-Graça: *História trágico-marítima* e *Viagens na minha terra* (versão orquestral); de Francisco de Lacerda, obras para orquestra e *Trovas*; e de suas criações, as contidas no CD da Portugalsom, *Sobreposições, Político 1960, Sucessões simétricas* e *As Quatro Estações*.

Combináramos ainda, em São Paulo, as participações em 1995, durante o Festival de Coimbra. Executaria uma obra de grande envergadura de Peixinho contendo, como temática, acontecimentos em torno dos Descobrimentos. Quase em fins de 94, sem abandonar o projeto, desesperançava-se Jorge com a falta de apoio financeiro para tal criação. Estava a pensar, escreveria certamente. É possível que esboços se encontrem na Rua de São Bento.

Nessa última viagem ao Brasil, trouxera consigo, a meu pedido, um valioso artigo sobre o *Estudo V – Die Reihe Courante*, publicado na Revista Música, do Departamento de Música da Universidade de São Paulo (vol. 5 nº 1, Maio 1994, págs. 73-105). Resumia

Peixinho, em poucas palavras, o que entendia por Estudo: “Como qualquer Estudo que se preza, e tomando como referência histórica os exemplos magistrais de Chopin, Liszt ou Debussy, uma peça com este título deve conter dois vetores fundamentais, a saber: ser um ‘estudo’ simultaneamente de execução para o instrumento respectivo (neste e naqueles casos, o piano) e para o compositor igualmente, como laboratório de novas experiências e dilatação de seus limites técnico-expressivos”.

No peristilo da morte, Peixinho deixou, no substancioso artigo, a decifração de parte de seu código técnico-pianístico lentamente edificado. Exemplifica as formulações, explicita-as, indica os norteamentos construtores da interpretação. Em sendo o *Estudo V – Die Reihe Courante* baseado numa visão de série, o compositor esclarece: “E, no entanto, não se trata de uma obra serial! O Estudo V pretende ser uma reflexão sobre o profundo significado histórico e mítico da série, a série reificada e simbólica, uma visão crítica dos seus pressupostos teóricos e filosóficos e, ao mesmo tempo, uma homenagem (comovida) ao seu papel histórico propulsor da modernidade neste vertiginoso caminhar da música no nosso século”.

Após análise pormenorizada, Peixinho finaliza o artigo num quase desvelar anseios retidos, prenunciadores, quiçá, de um amanhã de esperanças, não abrupto mas curvilíneo: “Com o Estudo V, descrevi mais uma curva naquela espécie de espiral sempre aberta, que constitui, a meu ver, a trajetória de um compositor. Como outras obras marcantes na minha produção criadora, ela fecha e abre simultaneamente velhas e novas etapas, criando uma ponte entre duas margens de um rio, um rio sempre vivo e em movimento, uma corrente ininterrupta em direção a um novo infinito, metáfora da impossível utopia da perfeição e da liberdade criadora”. *

* Após sua morte, contactei três compositores de expressão que criaram obras para o projeto iniciado em 1985 a abordar o gênero Estudo. As três em homenagem ao ilustre Jorge Peixinho: Gilberto Mendes: *Estudo, Ex-tudo, Eis tudo pois - In memoriam Jorge Peixinho* (1977), Paulo Costa Lima: *Vassourinhas - Estudo Frevo* (1997), Clotilde Rosa: *Estudo In Memoriam Jorge Peixinho* (2004). Todos os *Estudos* apresentados por mim em vários países.